



# Sesc tv

EDIÇÃO N.111 / JUNHO DE 2016

DOCUMENTÁRIO  
**O CIRCO COMO  
LINGUAGEM ARTÍSTICA**

ENTREVISTA  
HUGO POSSOLO: "O PALHAÇO  
REPRESENTA A HUMANIDADE"

ARTIGO  
KIL ABREU: O CIRCO NA  
CRÍTICA CULTURAL

# COLEÇÕES

## Ciclos da Terra: Cacau

30/6, quinta, às 21h30

Foto: Free Images / Darius Martin

Assista online:

[sesctv.org.br/aovivo](http://sesctv.org.br/aovivo)



/SESCTV

### DESTAQUES

- 4 A arte do risco
- 6 As criações coletivas de Juçara
- 7 Quando a pena do índio escreve
- 7 A sanfona de Dino Rocha, o rei do chamamé

### ENTREVISTA

- 8 Hugo Possolo: A figura hiperbólica do palhaço

### ARTIGO

- 12 “O circo, o teatro e a crítica: uma história de encontros e desencontros” por Kil Abreu

### ÚLTIMO BLOCO

- 14 Neste mês



### capa

*B-Orders*, Palestinian Circus School. Espetáculo apresentado durante o Círcos - Festival Internacional Sesc de Circo 2015. Foto: Anderson Barreto

# Arte que se reinventa

**Danilo Santos de Miranda**

Diretor Regional do Sesc São Paulo

A lona, o picadeiro, o colorido do figurino e a música festiva são elementos que compõem o imaginário e a memória afetiva das plateias de diferentes gerações quando o assunto é o circo. Memória esta que se baseia nas experiências de uma arte itinerante e transformadora, instigante e provocadora. Longe, no entanto, de ser mero entretenimento, o circo é uma linguagem que se constitui a partir do diálogo com outras expressões artísticas como o teatro, a dança, as artes visuais e a performance, introduzindo elementos, narrativas, conceitos e expressividades e reinventando os próprios conceitos que o embasam e o definem.

O SescTV exhibe, neste mês, o documentário *Circo é... Circo*, com direção de Daniela Cucchiarelli e realização do Sesc. O programa foi gravado durante a edição de 2015 do CIRCOS – Festival Internacional Sesc de Circo e traz depoimentos de artistas do Brasil e do exterior, como Colômbia, Suécia, Espanha e Portugal, que estiveram em São Paulo para participar do festival. O documentário também mostra trechos dos espetáculos e aborda, por meio das entrevistas, a pluralidade de olhares, referências e concepções sobre a arte circense na atualidade.

Outro destaque da programação deste mês é o musical inédito com Juçara Marçal, gravado no Sesc Pompeia, com canções de seu álbum solo *Encarnado*. Já o Sonora Brasil apresenta o improviso do acordeom de Dino Rocha, com repertório de chamamés, marchinhas e rasqueados da tradição sul-mato-grossense. A série Super Libris discute a literatura indígena, em entrevista com o escritor e professor brasileiro Daniel Munduruku.

A **Revista do SescTV** deste mês entrevista o palhaço, diretor e dramaturgo Hugo Possolo, que fala de sua trajetória e discute o circo como uma linguagem das artes. O artigo do jornalista e pesquisador Kil Abreu aborda o espaço do circo na crítica cultural. Boa leitura! ●

## A arte do risco

As práticas circenses, o risco físico dos artistas, os diferentes espaços de apresentação e suas possibilidades estéticas e de execução são tema do documentário *Circo é... Circo*



Cia Cíclicus

┌  
Lona, picadeiro, palco, artista, público, espetáculo, risco, risos e aplausos. Elementos fundamentais que, por séculos, resistiram a intempéries, se adaptaram a espaços e orçamentos e flertaram com várias áreas e culturas, para compor as estéticas e narrativas circenses. Desde sua origem, o circo se relaciona com a dança, a música, o cinema e o teatro. Graças a esse traquejo e diplomacia, ele se consolidou

como uma das artes mais plurais, capaz de agregar, chegar, com mais facilidade, a qualquer lugar, e falar a qualquer classe social.

Segundo o professor da Universidade Estadual de Campinas e pesquisador na área de Circo Marco Bortoleto, se existe algo que ajuda a distinguir o circo de outras linguagens, esse algo é o risco. “A relação do corpo, da acrobacia, faz do circo uma arte extremamente atrativa a uma sociedade

## AS MUITAS VERSÕES E TRANSFORMAÇÕES DA ARTE DO CIRCO AO LONGO DO TEMPO SÃO O PONTO DE PARTIDA DO DOCUMENTÁRIO *CIRCO É... CIRCO*



FOTO: ANDERSON BARRETO

contemporânea que gosta de se expor ao risco.” Além disso, Bortoleto defende que o diálogo com outras áreas, que ocorre desde seu início, não é o que distingue o circo clássico do atual. “A questão é o quanto nós conhecemos do passado para esboçar um entendimento do presente.” Para ele, essa distinção se dá pela existência de uma escola de circo. “Isso de fato é novo, não existia no século XVII, no XVIII e no XIX. Hoje, é uma realidade.”

A criação de escolas circenses gerou um debate, sobretudo entre os artistas tradicionais, cuja formação se deu em família, pelo aprendizado de pai para filho. “Eu entendo que muitos que são do circo tradicional talvez não tivessem tido opção, não escolheram. Essa é uma diferença muito importante entre todos os artistas de escola de circo, porque esses escolheram o circo”, aponta o espanhol Leandro Mendoza, diretor da Companhia *Ciclicus*.

**MÚLTIPLAS FORMAÇÕES** Matias Salmenaho, artista da companhia sueca *Circus Cirkor*, não conhece o fazer tradicional do circo porque não veio de família circense, mas sua relação com artistas tradicionais o faz enxergar aspectos comuns nas formações. “Não acredito que faça tanta diferença, mas fico muito feliz de ter frequentado uma escola e ter tido professores diferentes.”

As escolas de circo trouxeram uma nova linha de artistas, como ressalta o português Jorge Lix, da companhia *Erva Daninha*. Para ele, elas romperam o círculo das famílias e acabaram por criar “novos tipos de artistas que vão para as escolas com o intuito de se formarem e criarem um trabalho de autor”.

Para fomentar a discussão sobre a prática circense enquanto uma linguagem artística, o Sesc realizou o documentário *Circo é... Circo*. Olhares poéticos sobre espetáculos e entrevistas abordam a história do circo e diferenciam os conceitos de estéticas e fazeres circenses. Dirigida por Daniela Cucchiarelli, a produção foi realizada durante o CIRCOS – Festival Internacional Sesc de Circo de 2015, e o SescTV exibe com exclusividade neste mês. O canal também apresenta, nos intervalos da programação, 24 interprogramas, com três minutos de duração cada, gravados nas edições de 2014 e de 2015 do festival. As pílulas mostram ensaios e bastidores de espetáculos e trazem depoimentos de artistas de companhias do Brasil e do exterior, numa abordagem poética e contemporânea sobre a arte circense. ●



**CIRCO... É CIRCO**  
**DIA 24, 20H**

Direção: Daniela Cucchiarelli  
Classificação  
indicativa: Livre.



**Veja o trailer do documentário:**





FOTO: JOSÉ DE HOLANDA

## As criações coletivas de Juçara

Cantora apresenta canções de seu álbum solo *Encarnado* e defende que a música é uma arte que se faz em conjunto

Juçara Marçal não é uma, mas várias. A cantora, nascida em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, hoje mora na cidade de São Paulo. Começou sua carreira ainda no Rio de Janeiro, na Companhia Coral, que fundia teatro e música. Na capital paulista, fez parte do grupo vocal feminino *Vésper*, integrou a banda *A Barca*, deu voz ao trio *Metá Metá*, formado também por Kiko Dinucci e Thiago França, fez shows em homenagem a Itamar Assumpção e tantos outros projetos.

“O que eu mais gosto é que ela surpreende sempre, sempre vai mostrando novas facetas e se mostra uma artista que não tem medo”, comenta Dinucci. O músico é parceiro de longa data da cantora. Juntos, lançaram também o disco *Padê*. A parceria se repete

mais uma vez no álbum solo de Juçara, *Encarnado*, lançado em 2014, no Sesc Vila Mariana, que conta também com França, o guitarrista Rodrigo Campos e o rabequista Thomas Rohrer.

Para este trabalho, Juçara reuniu, mais uma vez, as pessoas com quem sempre trabalha. Prevaleceu a opção da artista por uma criação baseada no engajamento coletivo. “Eu não consigo trabalhar de outro jeito”, explica a cantora. Sobre o álbum solo, esclarece: “o pensado do conceito das músicas parte de mim, as propostas partem de mim, mas é sempre em conjunto que a gente leva adiante”. No repertório, canções como: *Velho Amarelo*; *Queimando a língua*; *Pena mais que perfeita*; e *Canção para ninar Oxum*, dentre outras. ●



**JUÇARA MARÇAL**  
DIA 15, 22H

Direção para TV:  
Camila Miranda.  
Classificação: Livre.



## Quando a pena do índio escreve

**DIA 27, 21H.** Super Libris. Direção: José Roberto Torero. Classificação: Livre.

“Tem gente que diz que literatura indígena não existe.” Segundo o escritor e professor brasileiro Daniel Mundurucu, muitas universidades, aliás, não aceitam a ideia dessa existência. Apesar das línguas indígenas se basearem na oralidade, o professor conta que os índios passaram a escrever quando pensaram em criar algo que pudesse ajudar as crianças brasileiras a conhecer melhor seus povos. “A gente não sabia sequer que escrever chamava literatura. Isso foi aos pouquinhos sendo aprendido até que, em um determinado momento, virou literatura.” Ele ainda diz que, como a cultura indígena não faz separação entre saberes, “a literatura passou a fazer parte integrante dos saberes indígenas, como a dança, o canto, o grafismo, todas essas manifestações culturais”. Com 34 livros publicados no Brasil, Daniel – que pertence à etnia mundurucu – é formado em Filosofia, História e Psicologia, mestre em Antropologia Social, doutor em Educação e já recebeu vários prêmios no País e no exterior. Ele é entrevistado no episódio inédito da série Super Libris, que trata sobre o tema. ●



## A sanfona de Dino Rocha, o rei do chamamé

**DIA 25, 19H30.** Sonora Brasil. Direção para TV: Romi Atarashi. Classificação: Livre.

Originário da província de Corrientes, na Argentina, o chamamé é um gênero musical baseado na improvisação do acordeom. O ritmo é apreciado também no Paraguai e em vários locais do Brasil, como o Mato Grosso do Sul, onde é considerado um dos símbolos da cultura do estado. É de lá que vem Dino Rocha, músico que desde os nove anos de idade toca o estilo, defendendo sua vertente tradicional, melodiosa, aquela que é “pra pessoa ouvir e pra dançar bem faceiro”, conta. “Ele é conhecido no Brasil inteiro como o Rei do Chamamé e mantém o duetano e o oitavano, característica musical cuja técnica ele desenvolveu e que o diferencia de outros músicos”, explica Tico Rocha, violonista e filho de Dino. Junto ao também violonista Hugo Cesar, Tico acompanha seu pai na execução de chamamés, marchinhas e rasqueados da tradição sul-mato-grossense, em episódio da série Sonora Brasil, projeto que pesquisa e difunde expressões musicais relacionadas ao desenvolvimento histórico da música no País. ●

## HUGO POSSOLO. PALHAÇO, DRAMATURGO E DIRETOR.

Artista defende o circo como linguagem artística e fala sobre a relação de sua arte com a cidade

# A figura hiperbólica do palhaço



Hugo Possolo não sabe se escolheu o circo ou se foi escolhido por ele. Seu fascínio pelo picadeiro vem desde cedo. Quando criança, seu pai sempre o levava ao circo. Na adolescência, começou a fazer teatro porque queria escrever. Teve de atuar para conseguir que suas peças fossem montadas. Logo de cara, se aventurou no humor e começou a ouvir aquilo que o marcaria por toda vida: Você é um palhaço. Chegou a animar festas infantis e se deu conta de que a arte era o seu caminho. Procurou uma escola de circo. Deu azar. Não conseguiu se matricular na Academia Piolim, fechada em 1982. Esperou. Foi parar no Circo Escola Picadeiro. Ali se formou como palhaço e seguiu carreira nos palcos e nas ruas. Fundou o grupo de teatro Parlapatões, escolheu a Praça Roosevelt, em São Paulo, para instalar seu espaço, recebeu diversos prêmios e coordenou a área de Circo na Funarte, articulando a Política Nacional das Artes. Hoje, Hugo é referência em circo no Brasil.

### O que é o circo?

O circo é uma reunião de demonstração de habilidades, de tudo aquilo que o homem é capaz de realizar sobre a natureza, um desafio corporal muito intenso e muito pessoal, uma arte apaixonante que envolve risco. Ele tem um aspecto performativo, no qual existe, além da expressão em si, uma fissura de tempo ficcional, que mostra ao público o que é real e possível. Isso é muito popular e universal no circo. Você sabe que o trapezista está lá desenhando um balé aéreo encantador, ele te toca como o balé no solo te tocaria. Mas o risco acrescenta a sensação do

tempo presente que é compartilhada com o espectador, ele cria um envolvimento muito intenso da plateia com o artista.

### Que relação o circo mantém com as outras linguagens artísticas?

Uma das coisas que mais me atrai no circo é sua diversidade – o que muitas artes buscam hoje, seja em relação aos temas, ao público, às várias questões sociais etc. O circo abriga isso há muito tempo. Ele já tem uma arquitetura de casa de espetáculo. Por isso, não é uma única linguagem. São diversas modalidades e possibilidades de linguagens em uma coisa só. Ele é muito amplo. Não existe uma arte circense, mas várias. Além de reunir suas modalidades próprias, ele tem o espírito presente da música, das artes cênicas, da dança. O circo é uma arte que traz uma grande convergência de expressões.

### Qual o limite entre o circo tradicional e o contemporâneo?

Para mim, não há uma divisão visível. Talvez o limite entre um e outro esteja no modo de produção. O modo de produção de um espetáculo com a casa de espetáculos que é a lona tem uma formulação de pensamento, de estrutura e de organização. Diferentemente de um espetáculo que pode ser feito na rua, em pequenos espaços ou em teatros, cuja estruturação é outra. Eles diferem até nas disputas de espaço, de nichos de mercados, de espaços de visibilidade para sua forma expressiva que são muito diferentes entre si.







**RAIO-X**  
**HUGO POSSOLO,**  
**VITÓRIA (ES)**

**Formação**  
Jornalismo

**Área**  
Circo

**Alguns trabalhos**

- Parlapatões, Patifes e Paspalhões (1992)
- Zêrói (1995)
- Farsa Quixotesca (2000)
- O Auto dos Palhaços Baixos (2005)



**“O palhaço representa a humanidade. Ele representa a incapacidade humana de acertar sempre.”**



**“Quem é palhaço sabe que consegue tirar o riso de muitas coisas, mas são nas mais simples, nas mais ingênuas que você cala mais fundo na alma do seu espectador.”**

**“Qualquer coisa que se faça sobre circo na TV ou no cinema tem uma audiência espetacular.”**

»»»

### **As escolas de circo têm papel nessa mudança de modo de produção?**

Com a Revolução Comunista de 1917, quando se formou a URSS, surgiu essa formulação de ensinar circo a quem não vinha da tradição, embora já fosse comum no circo agregar pessoas que não fizessem parte de famílias circenses. O Brasil tem vários exemplos disso. Um deles é o Benjamim de Oliveira, ex-escravo que é alforriado, se torna palhaço e dono de sua própria companhia num período de transição para a abolição da escravidão; apesar de não ser da tradição europeia, ele é o primeiro símbolo nacional do circo brasileiro. As escolas não propuseram nenhuma ruptura ou mudança de linguagem, elas possibilitaram uma difusão maior do saber circense a pessoas que não tinham acesso a isso. A tradição, de certa forma, conservava esse saber por necessidade de sobrevivência.

### **Existe narrativa na arte circense?**

A meu ver, o que existe é a possibilidade de uma dramaturgia circense sendo construída. Me incomoda muito a ideia de fazer um espetáculo com muita diversidade e querer inserir nisso uma história. Eu sempre brinco que isso é mais ou menos como um filme pornô com historinha. O que interessa não é a história... É possível outro tipo de construção em que a demonstração de possibilidades que o circo tem esteja de uma maneira ou outra a serviço de algum tipo de narrativa, e vice-versa. A junção desses dois elementos não é algo fácil, mas é algo instigante para um artista.

### **Como são as políticas públicas para o circo?**

As políticas públicas estão a dever muito.

Fui articulador na Política Nacional das Artes e defendo que há uma dívida histórica com o circo enquanto linguagem, porque ele é marginalizado, tratado como mero entretenimento. O circo é estruturalmente mais caro que o teatro e sempre recebeu verbas menores. Sua produção é tão ou mais complicada que a do cinema. Contudo, ele atinge um público maior – inclusive com mais cadeiras disponíveis – e não recebe nem 1/12 do que recebe o cinema nacional. Há um entendimento de política pública que está muito ligado ao prestígio. O cinema, por ter intelectuais e pessoas de peso na cena cultural, consegue influir e fazer com que haja políticas específicas para si com mais facilidade. Já o circo, que não tem um prestígio forte e uma boa relação dos artistas com o poder público, não consegue fazer vicejar as suas necessidades. Por isso ele é muito prejudicado.

### **Qual a relação do circo com a cidade?**

Por ser itinerante, muitas vezes o circo não consegue criar uma relação, entre os artistas, produtores e técnicos, com a ideia de cidadania, muito cara às sociedades industriais. Um grupo de teatro como o meu mantém uma relação de interação social na academia, na mídia, na imprensa, no poder público. O Espaço Parlapatões interage com a Praça Roosevelt e seu entorno. Eu tenho uma vida cidadã. Tenho uma interferência na minha cidade. Diferente de um circo itinerante que acaba se marginalizando, muitas vezes pela sua estrutura e pelas dificuldades atuais de encontrar espaço físico para montar sua lona nas grandes cidades. Isso acontece porque muitos não o consideram arte, apenas um evento de entretenimento puro que chega a uma cidade, rouba dela suas riquezas e vai embora. Essa péssima leitura sobre o circo prejudica demais.



## OS PARLATÕES EM TRÊS MOMENTOS

FOTO: DIVULGAÇÃO



■ *U Fabulô* (1996)

FOTO: LUIZ DORONETO



■ *PPP@WillmShkspr.Br* (1998)

FOTO: DIVULGAÇÃO



■ *Clássicos do Circo* (2014)

### Há espaço para o circo no cinema e na TV?

Qualquer coisa que se faça sobre circo na TV ou no cinema tem uma audiência espetacular. Mas é preciso ter propriedade, senão fica lírico, nostálgico e longe de sua essência. Quando essa essência vem à tona, o impacto é grande. Boa parte da estrutura da televisão brasileira e mexicana é oriunda do circo. A narrativa melodramática do nosso circo e do mexicano influenciou as novelas de rádio, que influenciaram as telenovelas. Por isso, Brasil e México se tornaram os maiores representantes do melodrama. A estrutura de humor, muito forte nos dois países, também veio do circo, em especial os programas de humor da linhagem do *PRK-30*, *Balança Mas Não Cai* e até Chico Anysio, Jô Soares, e os mais recentes *Zorra Total* e *Tá no Ar*. Todos têm a mesma estrutura circense, mas com temáticas contemporâneas. É muito importante pôr o circo nesse contexto, porque ele é protagonista de uma história e não é reconhecido como tal.

### Qual o papel do palhaço?

O palhaço é o contraponto do homem no circo. É aquele que cai, que tomba, que tropeça, que cede à lei da gravidade e mostra que o homem não é só aquele que se supera. Por isso, o palhaço representa a humanidade. Ele representa a incapacidade humana de acertar sempre. Ele se coloca como especialista de todo e qualquer assunto, sabendo que não dá conta de nenhum deles e mostra isso. Mostra que nós, felizmente, erramos. Ele é uma figura hiperbólica, como o palhaço no trapézio que demonstra um medo exagerado – tudo o que o trapezista não mostraria –, algo com o qual nos identificamos, inclusive o artista, que também tem medo de trapézio.

### Qual a função do riso?

Levar as pessoas ao riso é levá-las ao prazer. E depois do estado de prazer, há uma pausa para entender aquilo intelectualmente e gerar uma reflexão. Eu sempre defendo que o essencial do palhaço é buscar esse riso. Isso não significa buscar o riso a qualquer preço, a qualquer custo. Quem é palhaço sabe que consegue tirar o riso de muitas coisas, mas são nas mais simples, nas mais ingênuas que você cala mais fundo na alma do seu espectador. ●

# O circo, o teatro e a crítica: uma história de encontros e desencontros

Kil Abreu é jornalista, pesquisador de teatro, membro da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e curador no Centro Cultural São Paulo

por Kil Abreu arte Mauro Júnior

Ao desembarcarem em terras que adiante seriam o Brasil, os portugueses traziam entre os homens de Cabral um certo Diogo Dias, registrado por Pero Vaz de Caminha como “homem gracioso e de prazer” e que teria estado entre os primeiros a manterem contato efetivo com os índios nativos:

*Passou-se então para a outra banda do rio Diogo Dias. E levou consigo um gaiteiro com sua gaita. E meteu-se a dançar com eles, tomando-os pelas mãos; e eles folgavam e riam e andavam com ele muito bem.*

A nota é de José Carlos de Andrade e inicia um panorama histórico do circo e do teatro no Brasil. Andrade observa uma coisa curiosa: “gracioso” era o ator designado a desempenhar tipos cômicos no teatro renascentista. O gracioso, nos diz ele, é uma espécie de *truão*. E truão, define o dicionário, é o palhaço.

Mesmo que a relação entre teatro e circo seja umbilical no Brasil, como se pode perceber nessa cena originária, é também notável que houve uma separação histórica na medida em que o teatro se desenvolveu como arte entre nós. Para uma visão mais purista e acadêmica (ou ao menos para os acadêmicos de certa época), o circo sempre esteve ligado às formas da expressão popular, enquanto o teatro, ainda que tenha desenvolvido vertentes dessa ordem, procurou ostentar outras, na direção da “alta cultura” que foi quase sempre o avesso do espírito circense. Isto não impediu que o circo-teatro se desenvolvesse espontaneamente, Brasil afora e adentro, sobretudo onde não

havia espaço para normatizações. Ou seja, mais junto ao povo, onde a lona serviu tanto para a representação e reinvenção de formas teatrais, como o melodrama, quanto para a criação de uma teatralidade circense autônoma.

Nos anos 20 do século passado, os artistas e críticos modernos recuperaram o circo como um dos campos de uma brasilidade genuína. Para o jornalista e escritor Alcântara Machado, por exemplo, a referência para uma cena brasileira não vem de nenhuma figura exterior a nós e sim de um palhaço, saltador, acrobata e contorcionista: Piolin (Abelardo Pinto), que criara tipos tomados como símbolos da arte nacional.

Estes movimentos de negação ou afirmação do circo brasileiro talvez ganhem, na cena atual, um capítulo a mais. E salvo engano favorável, se o ponto de vista for o da renovação. É que as artes cênicas contemporâneas inventam-se segundo um desejo evidente de liberdade formal, de uma maneira que o circo também se redescobre. Seja nas bases das suas próprias tradições, seja na mestiçagem com outras linguagens, como as da dança, do cinema, das artes visuais e do próprio teatro, irmão de nascimento. Se por um lado a sobrevivência dos circos de lona, sobretudo os populares, é um desafio para os artistas e para os gestores que trabalham com a política pública, por outro surge nas últimas décadas uma nova geração, a partir de uma novidade relativamente recente que são as escolas – as de circo propriamente ditas e também as escolas de teatro, onde aspectos particulares



do repertório circense são foco de aprendizado e treinamento, como é o caso das diversas técnicas de *clown*.

Como quase sempre acontece, esta ampliação não tem sido correspondida com muito rigor pela crítica, sobretudo a jornalística. Ainda que a reflexão acadêmica tenha multiplicado especializações e estudos em torno do circo tradicional ou das novas formas da arte circense, a produção contemporânea mais cotidiana continua sendo vista através de instrumentos críticos ainda relativamente carentes de um repertório específico a respeito dessa arte. Raramente ouvimos falar de uma “crítica de circo”. O mais comum é observarmos críticos de teatro escrevendo sobre espetáculos circenses ou que envolvem técnicas circenses. E muitas vezes com pouco ou nenhum deslocamento na direção do circo propriamente dito.

Por um lado, esse quadro se justifica pela dificuldade em reconhecermos os aspectos próprios de linguagem que vêm dali, apesar de ela ser, como vimos, tão antiga quanto a própria história do país. E por outro tem a ver também com aquela tendência da cena atual, de desestabilizar gêneros e oferecer ao olhar do crítico, cada vez mais, “experiências cênicas” ao invés de criações cujas coordenadas formais estejam restritas a alguma área mais específica. De todo modo uma crítica jornalística especializada em geral ainda caminha, se comparada ao trabalho de criação artística, na retaguarda de um pensamento vivo, presente e que se manifesta nas suas variadas formas de acontecer, seja no sentido de recolocar a tradição, seja no sentido de experimentar cruzamentos inusuais.

Em qualquer direção é sempre alentador perceber como os artistas de circo estão empenhados em fazer valer, hoje, aquela percepção moderna sobre uma possível cena da originalidade nacional, que pode passar – e de fato está passando – também por eles. ●



dia 16, 22h

**ESCRAVOS DO SILÊNCIO E DO CORPO** Direção: Kiko Goifman. Classificação: 10 anos.

Osmair Camargo Cândido, o “Fininho”, é coveiro e filósofo. Para ele, “todo bom coveiro é quase escravo do silêncio”. Além dele, Luciano Teresin também reflete sobre as questões da vida, dizendo que trabalhar com a morte o fez não se apegar mais às coisas materiais. Fininho, porém, reclama que sua profissão o afasta do convívio social “normal”: “você aceitaria casar-se com um coveiro?” A rotina desses profissionais está em episódio da série Estilhaços.

dia 19,  
21h30

**RODRIGO NASSIF  
QUARTETO**

Direção para TV: Max Alvim.  
Classificação: Livre.

O violonista Rodrigo Nassif apresenta seu álbum *Todos os Dias Serão Outono*, em show gravado no Sesc Consolação, em outubro de 2015, para o Instrumental Sesc Brasil. O repertório, que transita entre o jazz e a música gaúcha (como o chamamé, o tango e a milonga), o rock e a composição clássica, faz parte do experimentalismo do músico, que teve seu primeiro álbum como o mais vendido no iTunes. No repertório, *História Diferente*, *Del Scratch Dela Mula*, *YMB* e *Valsa Hesitante*.

nos  
intervalos

**COMPACTO**

Direção: Max Alvim.  
Classificação: Livre.

Artistas contam suas trajetórias musicais, na série de interprogramas Compacto. Gal Costa explica que conviveu com o movimento tropicalista e, por ser muito aberta a ideias novas, acabou entrando para o grupo de músicos. Em 1969, cantou no Festival da Record a canção *Divino, Maravilhoso*. Com o sucesso da música, Gal tornou-se a voz da Tropicália.





dia 22,  
21h30

### MARIA MARTINS

Direção: Cacá Vicalvi.  
Classificação: Livre.

A escultora Maria Martins é tema de episódio da série Artes Visuais. Ela, que desenvolveu sua carreira na Europa, é uma artista associada à arte moderna e ao surrealismo. Seus trabalhos também são vinculados ao universo feminino e aos aspectos da mulher, de seu corpo em transformação ou deformação. A curadora Verônica Stigger apresenta as obras e a história da artista.

dia 11, 21h

### ORLA DE SANTOS

Direção: Paulo Markun e Sergio Roizenblit. Classificação: Livre.

O episódio da série Arquiteturas conta a história da iniciativa de criação do calçadão, nos anos de 1930, na orla da praia em Santos, no litoral paulista, e a importância do local de convivência para a população.



FOTO: DIVULGAÇÃO



**SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO**  
Administração Regional no Estado de São Paulo

**PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL**  
Abram Szajman

**DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL**  
Danilo Santos de Miranda

A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social.

Distribuição gratuita.

Ninguém está autorizado a vender anúncios.

**COORDENAÇÃO GERAL**

Ivan Giannini

**SUPERVISÃO GRÁFICA**

Hélcio Magalhães

**REDAÇÃO**

Adriana Reis e João Cotrim

**EDITORIAÇÃO**

Thais Mendes

**REVISÃO**

Marcelo Almada

**PROJETO GRÁFICO**

Marcio Freitas e Renato Essenfelder

**REVISTA DIGITAL**

Ana Paula Fray, Larissa Carvalho e Marilu Vecchio



**DIREÇÃO EXECUTIVA**

Valter Vicente Sales Filho

**DIREÇÃO DE PROGRAMAÇÃO**

Regina Gambini

**COORDENAÇÃO DE PROGRAMAÇÃO**

Juliano de Souza

**COORDENAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO**

Carlos Padilha

**COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO**

Adriana Reis

**DIVULGAÇÃO**

Jô Santina, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

**ESTAGIÁRIA**

Carolina Pulice

Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vivo a programação do SescTV



Assista também pelo site [sescvtv.org.br/aovivo](http://sescvtv.org.br/aovivo)

Acompanhe o SescTV: [sescvtv.org.br](http://sescvtv.org.br)



[/sescvtv](http://sescvtv.org.br)



Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em



Envie sua opinião, crítica ou sugestão para: [atendimento@sescvtv.sescsp.org.br](mailto:atendimento@sescvtv.sescsp.org.br)

Leia as edições anteriores em: [sescvtv.org.br](http://sescvtv.org.br)

Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado



# NAÇÃO ZUMBI

13/7, quarta, às 22h

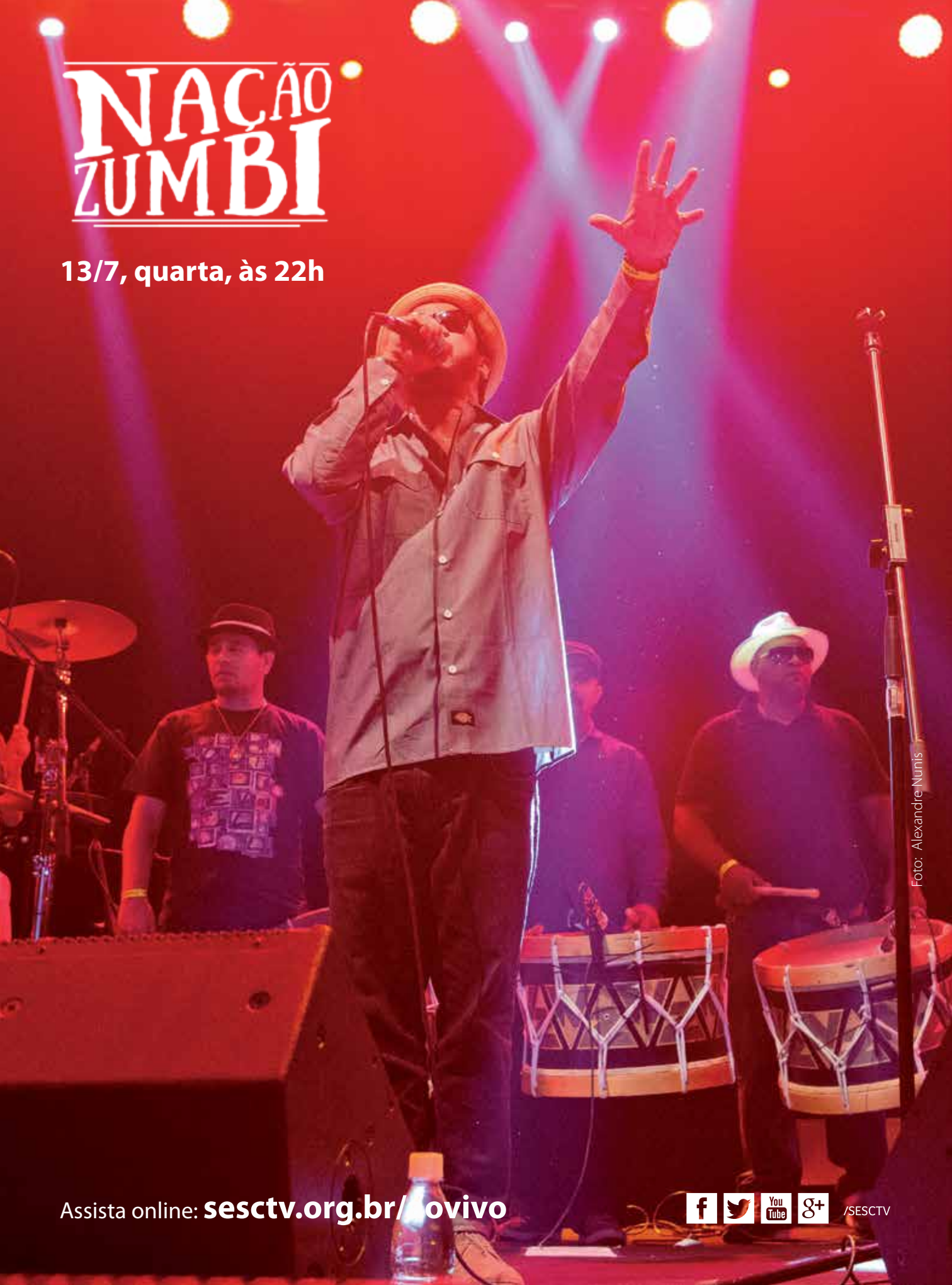


Foto: Alexandre Nunis

Assista online: [sesctv.org.br/ovivo](http://sesctv.org.br/ovivo)



/SECTV